



SPG18 - Religiões em trânsitos: formação de territórios, redes, políticas, mídias e subjetividades

Título: Universalizando o estilo: esboço de análise da transnacionalização de políticas sobre o corpo e sexo na Igreja Universal

Autora: Jacqueline Moraes Teixeira (Doutoranda em Antropologia Social da USP)

1. Introdução

Em julho de 2012, o portal *Arca Universal*, portal de notícias e eventos relacionados à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que no ano seguinte foi substituído pelo portal *Universal.org*, publicou um texto de autoria do Bispo Edir Macedo cujo título era *O Homem de Deus, quanto à idade e à raça*, trazendo a seguinte afirmação:

quanto à idade

O rapaz que deseja fazer a Obra de Deus não deve se casar com uma moça que tenha idade superior à dele, salvo algumas exceções, como por exemplo aquele que é suficientemente maduro e experiente na vida para não se deixar influenciar por ela. Mesmo assim, a diferença não deve ultrapassar dois anos.

Muitas pessoas não gostam quando fazemos estas colocações; entretanto, temos visto que quando a mulher tem idade superior à do seu marido, ela, que por natureza já tem o instinto de ser "mandona", acaba por se colocar no lugar da mãe do marido.

quanto à raça

(...) Não haveria nenhum problema para o homem de Deus se casar com uma mulher de raça diferente da dele, não fossem os problemas da discriminação que seus filhos poderão enfrentar nas sociedades racistas deste mundo louco.

Infelizmente, os pais não terão como evitar que aconteçam rejeições ou críticas por parte dos coleguinhas nas escolas nos países onde eles poderão estar pregando o Evangelho.

recomendação geral

(...) O homem de Deus não pode simplesmente dizer: "Ela tem o Espírito de Deus e eu também. Nós nos amamos e vamos nos casar". Não! Não deve ser apenas isto! Ele tem o futuro totalmente comprometido com uma missão de extrema importância, e não pode ser limitado. É preciso que haja uma avaliação esmerada quanto aos passos no presente.¹

¹ <http://www.arcauniversal.com/comportamento/reflexao/noticias/homem-de-deus-quanto-a-idade-e-a-raça-----13420.html> (consultado em 13/07/2012).

O texto, extraído do livro *O homem segundo o coração de Deus*, de autoria de Edir Macedo, foi publicado no ano de 1997, como parte de uma série composta por três outros livros cujo objetivo central era apresentar um quadro de atitudes tidas como legítimas para os frequentadores da IURD. Os outros três livros eram direcionados, o primeiro à mulher, o segundo à família, e o terceiro, ao jovem. Essa série inaugura a primeira produção bibliográfica da igreja voltada para divisões etárias e de gênero, produção esta que hoje ultrapassa quarenta títulos.

A discussão acerca de prescrições relativas ao casamento interracial, bem como diferenças geracionais homens e mulheres, voltou às publicações da igreja bem como em alguns encontros do curso "Casamento Blindado"² no primeiro semestre de 2012, no meio de uma campanha de oração intitulada "Fogueira Santa do Amor"³.

A divulgação, no ano passado, dos trechos acima apresentados, mobilizou importantes portais de notícias da internet, bem como, as principais redes sociais, que classificavam as afirmações de Edir Macedo como preconceituosas, machistas e misóginas:

discurso religioso disfarçando o racismo e o machismo

Ana Montenegro (coletivo feminista): Em diversas ocasiões o líder da Universal trouxe a público suas ideias machistas, homofóbicas e racistas e, no texto divulgado no dia 13/07/2012 através do portal "Arca Universal", não foi diferente. Em meio a afirmações marcadas por preconceitos, o pastor consegue transitar pelo machismo e pelo racismo, sem pudores, tendo como fundamento apenas suas opiniões pessoais e, em nenhum momento,

² Integrando um conjunto de práticas oriundas do programa de televisão "The Love School" (que é transmitido na Rede Record aos sábados) o curso "Casamento Blindado" iniciou-se no final de 2011, suas aulas são voltadas para casais heterossexuais e para pessoas solteiras que desejam se casar, nas aulas discute-se questões como modelo de parceiro que se deve procurar bem como maneiras para se desenvolver o prazer sexual.

³ Trata-se de um evento estruturado em uma série de programações com a duração de 30 dias. Conhecido como uma importante campanha de oração, o nome tradicional da Fogueira Santa é "Fogueira Santa de Israel". Tecendo uma analogia com a prática dos sacrifícios bíblicos descritos no antigo testamento (quando os animais trazidos para o sacrifício eram queimados no Templo de Salomão). A ideia central da Fogueira Santa é estabelecer um calendário de sacrifícios acerca de algumas proposições da vida dos fiéis. Com o passar dos anos, a "Fogueira Santa" passou a ter um caráter mais temático e no ano passado seu tema foi o casamento.

amparando-se em trechos da Bíblia (o livro que alicerça a conduta dos cristãos, dos seguidores da religião protestante).⁴

Edir Macedo, racismo e misoginia. Cadê os ministros da igualdade racial e das mulheres?

Reinaldo Azevedo (Revista Veja): Nunca subestime o empresário Edir Macedo, dono da Rede Record e da Igreja Universal do Reino de Deus. Ele sempre pode se superar. Este homem de Deus já pisoteou o Eclesiastes para defender o aborto em livro e vídeo. (...) Os “progressistas” ficaram calados porque o empresário é hoje um dos principais aliados do lulo-petismo.

Na sexta-feira, Macedo publicou num site ligado à sua igreja um texto intitulado “Homem de Deus quanto à idade e à raça”. Trata-se de mais uma peça grotesca produzida por este teólogo de meia-pataca. Misoginia — repúdio às mulheres — e evidente discriminação racial se juntam num texto asqueroso. Até agora, não vi nenhuma reação da Secretaria das Mulheres, comandada por Eleonora Menicucci, parceira de Macedo na defesa intransigente do aborto. Até agora, não vi nenhuma reação da Secretaria da Igualdade Racial, que, não obstante, foi torrar a paciência de Alexandre Pires — um negro! — por suposto racismo num vídeo que é apenas galhofeiro.⁵

A ideia deste texto não é a de acompanhar a circulação destes discursos mapeando os agentes desta controvérsia, mas sim pensar o modo como tais afirmações escritas e publicadas na década de noventa emergem quase vinte anos depois, atualizadas num conjunto de prescrições voltadas a construção transnacional do casamento e da família. Os trechos aqui apresentados e replicados em inúmeras formas de mídia compunham um editorial escrito por Macedo ao jornal Folha Universal cujo foco consistia na formação de casais que pudessem ser adaptáveis a diferentes contextos nacionais, apontando marcadores sociais tais como geração e raça imprescindíveis nesse planejamento.

Publicações deste tipo me fizeram perceber um investimento e uma preocupação por parte de alguns seguimentos da igreja, em produzir algumas técnicas configurando

⁴ http://pcb.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4361:o-discurso-religioso-mascarando-o-racismo-e-o-machismo&catid=3:coletivo-ana-montenegro (acessado em 14/07/2012).

⁵ <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/edir-macedo-racismo-e-misoginia-cade-os-ministros-da-igualdade-racial-e-das-mulheres/> (acessado em 19/07/2012).

no projeto de internacionalização da IURD, disciplinas voltadas para a transnacionalização de saberes voltados para o sexo e para o casamento. Passo assim a descrever algumas dessas tecnologias.

2. Do objeto empírico

No ano de 2012 comemorou-se o aniversário de trinta e cinco anos de fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Tais comemorações foram marcadas por algumas estratégias de visibilidade dos trabalhos desenvolvidos pela igreja fora do território nacional, reunidos num conjunto de igrejas nomeadas pelos líderes brasileiros de *IURD Internacional*. O movimento de internacionalização da IURD teve um crescimento relevante na última década, até o início da primeira década do século XX a *IURD Internacional* estava em 80 países, hoje, segundo dados coletados pela própria instituição, são aproximadamente 200 países⁶.

Os primeiros trabalhos da IURD organizados fora do Brasil datam do final da década de oitenta, concentrando-se primeiramente nos Estados Unidos e em alguns países do continente africano. A África do Sul, que segundo os dados disponibilizados pela própria igreja é o país que concentra a maior quantidade de templos (perdendo apenas para o Brasil), possui hoje cerca de 280 templos, 178 deles localizados em Johannesburg, a capital.

Dentre os trabalhos divulgados me chamou a atenção o foco dado ao movimento de transnacionalização de alguns programas recentemente criados, a saber, *Goodlywood* e *The Love School*, algo que suscitou em mim a intenção de pensar a dinâmica do projeto geral de transnacionalização da IURD, bem como discussões relacionadas às dimensões espaciais e discursivas estabelecidas pela ideia de local e global.

Assim, meu objetivo fundamental consiste em descrever o movimento de transnacionalização de algumas práticas rituais da Igreja Universal do Reino de Deus

⁶ No templo de Salomão, réplica do templo descrito no Antigo Testamento, construído e inaugurado na cidade de São Paulo em 31 de julho de 2014 há bandeiras referentes aos duzentos países em que a IURD fundou igrejas.

(IURD) relativas ao casamento, e a sexualidade reunidas num conjunto de programas que conformam uma espécie de razão pedagógica voltada para a produção de um *ethos* religioso, tendo como fundamento um cálculo para a conjugalidade e o modelo familiar a partir da expansão de técnicas e ensinamentos relativos à produção material e simbólica da vida em abundância e da prosperidade.

2.1 A escola do amor

Iniciado em 2012, como um programa televisivo transmitido aos sábados no Brasil em rede nacional pela Record e cotidianamente no canal *IURD Tv*, o programa *The Love School* faz alusão direta a uma sala de aula. O casal de apresentadores Cristiane Cardoso (filha de Edir Macedo) e Bispo Renato Cardoso mostram-se sob o título de professores, chamando de alunos todos os participantes do programa e os telespectadores. O modelo escolar performatizado no *The Love School* vem de um desdobramento de cursos e atividades reguladoras que remetem a um modelo de família voltado para a figura do casal. Esse movimento que produziu o *The Love School* vem promovendo também, por meio do espriamento das temáticas tratadas na televisão, novas atividades disciplinares e práticas constituindo um completo programa de gerenciamento das relações entre os casais ou famílias da IURD.

Pretendo assim produzir um esboço inicial, a partir da análise de alguns dados empíricos, apresentando alguns fundamentos, as escolhas e as adaptações no processo de internacionalização do programa *The Love School*, tendo como hipótese que tais dinâmicas de gerenciamento do casamento conformam uma política da conjugalidade, voltada para a produção de práticas e discursos que conformem a manutenção pública do cuidado de si.

O projeto de transnacionalização dirigido pela IURD brasileira para as igrejas que compõem a *IURD Internacional* opera na lógica da universalização de uma determinada noção de família e de casamento voltado para a figura de um casal heterossexual, sem diferenças relativas à geração, a classe social ou a raça, e que opte pela possibilidade de não ter filhos. Mobilizadas por meio de iniciativas de globalização dessas práticas, dentre os quais, África do Sul e Moçambique eclodem como nações referenciais, isso porque nesses países pode-se rapidamente associar as atividades

desenvolvidas no programa com a formulação de políticas públicas para o combate à AIDS, permitindo assim, uma parceria com Estado local. O exemplo mais importante é o projeto *Life African*⁷, que transformou a principal Igreja Universal de Johannesburg, localizada em Soweto, com capacidade para receber 10 mil fiéis, num importante polo de distribuição de camisinhas e na realização de cursos sobre métodos contraceptivos. Outro dado que tornou-se relevante para minha proposição de pesquisa, que discorrerei a seguir, foi que durante ano de 2013, esta mesma igreja tornou-se um importante polo de formação e multiplicação de agentes de saúde, num projeto que conta com o apoio do governo local.

De natureza semelhante ao *The Love School*, outro importante programa que tornou-se foco dos movimentos de transnacionalização da IURD foi o *Goodllywood*, idealizado e dirigido por Cristiane Cardoso, este programa tem reunido e organizado grupos de mulheres em 82 países, mobilizando um montante de cursos e desafios semanais que são divulgados nas redes sociais.

Com o intuito de produzir uma espécie de laboratório para essa nação, em 2010 foi lançado na rede da IURD internacional (uma espécie de associação que reúne igrejas fora do Brasil), o projeto *Godllywood*⁸. Trata-se de uma adaptação do nome *Hollywood*. Para Cristiane Cardoso, idealizadora do projeto, a analogia criada com o nome tem por finalidade negar o modelo de vida hollywoodiano, marcado pela prática da promiscuidade feminina. A ideia em *Godllywood* é promover princípios para uma nova ideia de vida, cujo modelo de atitude é interpretado como legítimo por ser um modelo forjado por Deus. É interessante notar que este projeto é voltado apenas para mulheres, não há, por meio dele, nenhuma regra ou conteúdo para gerenciar a participação de homens, tratando-se de um programa voltado para a formação de mulheres. O gerenciamento do corpo da mulher se desdobra de modo a gerenciar outros corpos, na medida em que a mulher é interpretada como centro da vida familiar. A partir de 2012, o programa se transnacionalizou, com a publicação de páginas nos idiomas inglês, espanhol, francês e chinês, bem como com o lançamento dos livros

⁷ Esse projeto consiste na distribuição de camisinhas e na realização de palestras de orientação sexual. Nele, os obreiros e obreiras da IURD são treinados para assistir à população. O grande templo de Soweto fica aberto durante 24 horas, distribuindo preservativos unguídos a todos que procuram a igreja. Tornando-se um dos principais pontos para o oferecimento de orientação sexual na cidade.

⁸ <http://www.godllywood.com/>

escritos por Cristiane Cardoso (a saber, Melhor que comprar sapatos e Mulher Virtuosa: moderna a moda antiga) para tais idiomas.

3. Sobre a proposta

Esta proposta pode ser entendida como um desdobramento da pesquisa que realizei durante o mestrado quando parti do estudo das posições discursivas de alguns líderes da IURD acerca da legalização e descriminalização do aborto, bem como de outras práticas concernentes aos direitos reprodutivos com o intuito mapear posições e disputas acerca dos sentidos para o corpo da mulher. A análise sistemática de alguns dos discursos sobre aborto demonstrou que o que estava em circulação e em disputa, não era apenas discursos religiosos sobre a vida e sobre o feminino, ou uma “tradução de seus insights éticos em um idioma secular” (Habermas, 1983: 5), mas sim, modelar, pensar e trabalhar categorias e sentidos sobre o mundo, de modo a modificar as próprias noções de religioso e secular. Busquei pensar o modo como tais discursos revelam, para além do jogo de posições discursivas que configuram a controvérsia, alguns sentidos práticos para o cotidiano, tais como o casamento, a família, as diferenças de sexo e gênero. Passei a analisar um conjunto de práticas rituais que acabam por se tornar estruturas organizadoras do cotidiano, ao mesmo tempo em que orientam posicionamentos adotados na esfera de debates que conformam os saberes e as posições na esfera pública, pensada aqui como espaço de interações discursivas que se configura à medida em que um modelo prático torna-se eixo de um debate entre discordantes tornando-se pública, configurando uma controvérsia (Lemieux, 2007).

A etnografia de cursos, cultos e programas televisivos da IURD cujos temas centrais eram o relacionamento conjugal e a produção de um modelo de família a ser seguido demonstrou que as “falas” sobre a defesa do aborto como um método de planejamento familiar estavam atreladas a um amplo quadro de práticas que envolviam categorias como fé racional, corpo, vida em abundância, todas pensadas a partir de uma espécie de objetivo teológico comum, a saber, a prosperidade. Tratando-se, portanto, de um conjunto de práticas que abrange todas as instâncias do cotidiano, configurando um senso prático que imprime um modelo para instâncias como a família ou o casamento.

Assim, pretendo acompanhar o processo de nacionalização da IURD por meio da internacionalização de algumas políticas relativas ao casamento e a formação de um modelo de família considerado ideal para a implementação da prosperidade, ou seja, da boa vida, acompanhando o modo como tais políticas se traduzem em políticas públicas.

Inserida num contexto analítico cujo enfoque teórico consistia em pensar controvérsias como mecanismo moderno de produção de saberes a partir da interação discursiva entre sujeitos que passam a pensar os mais variados domínios de suas vidas por meio de performances tais como a da política e a do direito, busquei analisar a posição dos líderes da IURD referente á legalização do aborto, bem como, os programas voltados para o público feminino e para a regulação da sexualidade conjugal configurando uma controvérsia relativa ao corpo da mulher e os sentidos para o moderno e para o feminino, que acabam por conformar uma razão pedagógica voltada para a formação e disseminação de determinados valores referentes a família e a prosperidade.

Procurei pensar a controvérsia sobre o feminino tentando distanciar as concepções de gênero e sexualidade partilhada pelos agentes pesquisados, de possíveis essencializações religiosas, me afastando da ideia muito recorrente de “hibridismo” dos discursos dos agentes religiosos com referência às suas diferentes esferas de ancoragem (política, científica, religiosa, etc.). Categorias como mulher; corpo; direito; família e prosperidade foram descritas, não sob o escrutínio de suas significações, mas, tentando acompanhar a lógica de circulação de cada uma delas, e as situações em que eram acionadas. Para esquadrihar os caminhos discursivos da controvérsia em questão, foi necessário acompanhar a formação de alguns modelos educacionais voltados para as mulheres e para a formação de casais, nesses contextos, as categorias frequentemente mobilizadas são razão; calculo; amor inteligente; casamento; mobilizando uma grande rede de ações e de participação de fieis espalhados pelo Brasil, que pelas redes sociais passaram a ser acionadas por fieis de outros países. Assim, descrever algumas situações utilizando a noção bourdieusiana de razão pedagógica, bem como seu conceito de *habitus*.

Segundo essa chave analítica, a divisão sexual operada a partir dos cursos de formação de mulheres, bem como a diferenciação dos espaços de atuação para cada um dos gêneros apreendido em palestras, livros e programas televisivos se desdobra numa

diferenciação de disciplinas para o mundo da vida, configurando o que Bourdieu denomina de *razão pedagógica*, ou o domínio prático das regras de polidez.

4. Breve descrição dos programas

Além dos programas televisivos transmitidos diariamente, o *The Love School* desenvolveu um calendário de projetos e atividades a serem desenvolvidas nos anos de 2013, 2014 e 2015 são elas 1) aulas presenciais (iniciadas em 2012); 2) aulas extras (iniciadas em 2013, tais aulas funcionam por meio de *chat* de postagens no facebook); 3) *The love walk* (caminhada do amor), 4) minuto do casamento , 5) curso Casamento Blindado, 6) curso de sexo , 7) Vivendo sob medida, 8) Cruzeiro *The Love School*, 9) Bolsa Blindada, 10) Projeto Raabe.

As aulas presenciais começaram no ano de 2012, Cristiane, Renato e equipe viajam para alguma capital no país e ministram uma aula num dos templos da IURD ou em outro ambiente público (as vezes as aulas entram como atividade promovida pela Terapia do Amor). As aulas presenciais são sempre muito numerosas, com a participação de milhares de pessoas (na cidade de Fortaleza, por exemplo, a aula presencial teve a participação de "15 mil alunos"). A dinâmica das aulas presenciais segue um pouco a dinâmica do programa, um tema é escolhido e o casal desenvolve ao vivo, os quadros apresentados na televisão.

Outra atividade importante são as aulas extras. Elas são oferecidas uma vez ao mês, ao vivo e podem ser acompanhadas pelo *facebook*. O *The Love Walk* também é uma das atividades que integram o programa, trata-se de uma caminhada pensada especificamente para casais. Também iniciada no ano de 2012, a caminhada possui uma característica distinta dos demais ajuntamentos em espaços públicos propostos pela IURD. O casal deve portar os itens de um kit que é vendido pela internet⁹. A ideia da caminhada é promover um momento para que os casais conversem sobre si, esse

⁹ Os itens do kit são: camisetas, CD (com músicas e uma mensagem de Cris e Renato) e uma folha com um questionário de 20 perguntas (ver anexo B), que deve ser respondido pelo casal durante a caminhada.

momento é direcionado pelo questionário, os casais que desejarem podem procurar o quiosque dos organizadores e entregar o questionário, ou mesmo enviar pela internet¹⁰. Essa atividade revela outra ação muito forte na razão pedagógica da IURD que é a necessidade de produzir um senso prático de identidade e pertencimento, bem como, de tonar essa identidade pública (que parece ser reforçada pela campanha “Eu sou a Universal”).

Os outros projetos que compõem o programa são “O Minuto do Casamento”, trata-se de pequenos flashes com a duração de um minuto, que vão ao ar pela Rede Record, de segunda a sexta-feira, às 11h59 da manhã. Nele, Cristiane e Renato fazem uma pequena reflexão sobre algum tema relacionado a relacionamento. O projeto Casamento Blindado é oferecido 4 vezes ao ano, cada um dos seus quatro módulos têm a duração de sete aulas e pode ser acompanhado presencialmente ou virtualmente. Por ser oferecido apenas na cidade de São Paulo, no prédio administrativo da IURD, localizado no bairro de Santo Amaro, a apresentação do curso pela internet visa alcançar casais de outras regiões do país e do mundo, 350 vagas são presenciais e outras 500 vagas são oferecidas à distância.

Os módulos sobre sexo também iniciaram em 2013, tendo um caráter exclusivamente presencial promovendo uma disciplina do prazer sexual que deve estar subjugado à esfera do casamento. Outro projeto que iniciou neste ano e terá a duração de 2 anos é o acompanhamento nutricional de alguns casais, a ideia é controlar a obesidade difundindo um hábito alimentar considerado “saudável”. “Bolsa Blindada” visa auxiliar no controle de gastos configurando uma economia voltada não para a poupança, mas para o investimento. O Projeto *Raabe*, apesar de compor o *The Love School*, reúne atividades que visa proteger mulheres em situação de violência matrimonial, advogados desenvolvem palestras e há pontos de atendimento em inúmeras igrejas dentro e fora do Brasil, que visa assistir mulheres que sofrem violência por parte de seus maridos.

Pretendo assim demonstrar alguns dos fundamentos, as escolhas e as adaptações no processo de internacionalização do programa *The Love School*, tendo como hipótese que tais dinâmicas de gerenciamento do casamento conformam uma política da

¹⁰ O exercício continua com incentivos para que as experiências e fotografias sejam compartilhadas no facebook. A primeira caminhada foi no feriado de 01 de maio de 2012, no dia seguinte, havia cerca de 4 mil comentários postados e fotos com casais em parques de vários lugares, no Brasil e em outros países.

conjugalidade, voltada para a produção de práticas e discursos que conformem a manutenção pública do cuidado de si.

5. O desenho teórico

Certamente, grande parte das minhas inquietações teóricas emergiram de um trabalho de leituras e discussões coletivas que resultaram na produção de um projeto de pesquisa junto à Fapesp, projeto coordenado pela Profa. Paula Montero, intitulado *Religiões e Controvérsias Públicas: experiências, práticas sociais e discursos*.

Inserida num contexto analítico cujo enfoque teórico consistia em pensar controvérsias como mecanismo moderno de produção de saberes a partir da interação discursiva entre sujeitos que passam a pensar os mais variados domínios de suas vidas por meio de performances tais como a da política e a do direito, busquei analisar a posição dos líderes da IURD referente á legalização do aborto, bem como, os programas voltados para o público feminino e para a regulação da sexualidade conjugal configurando uma controvérsia relativa ao corpo da mulher e os sentidos para o moderno e para o feminino, que acabam por conformar uma razão pedagógica voltada para a formação e disseminação de determinados valores referentes a família e a prosperidade.

Procurei pensar a controvérsia sobre o feminino tentando distanciar as concepções de gênero e sexualidade partilhada pelos agentes pesquisados, de possíveis essencializações religiosas, me afastando da ideia muito recorrente de “hibridismo” dos discursos dos agentes religiosos com referência às suas diferentes esferas de ancoragem (política, científica, religiosa, etc.). A partir da noção de *regimes de circulação* (FERNANDES, 2012) tentei desenvolver um exercício de descrição das atividades e categorias tentando acessar o ponto vista dos sujeitos. Categorias como mulher; corpo; direito; família e prosperidade foram descritas, não sob o escrutínio de suas significações, mas, tentando acompanhar a lógica de circulação de cada uma delas, e as situações em que eram acionadas.

Nesse exercício, a concepção de controvérsia cunhada por Lemieux tornou-se uma importante referência bibliográfica. Para ele, no modelo social moderno há uma espécie de “cultura da controvérsia” que se deslocou do âmbito acadêmico para outros planos da vida social. O paradigma da controvérsia instalou-se como forma discursiva necessária e desenvolvida por sujeitos que passam a acessar uma gramática para o uso da fala e para a conquista de visibilidade pública.

Lemieux (2007) utiliza a noção de esfera pública comunicativa de Habermas, com o intuito de avançar com o conceito de controvérsia. Partindo de uma crítica à sociologia, que segundo sua concepção lidou com a ação individual sem dar a ela seu devido reconhecimento social, tratando-a de forma isolada ou contextualizando-a apressadamente a modelos de protestos de alguns coletivos sociais, para ele a análise de controvérsia pode ser compreendida como uma forma de superar essa dicotomia empobrecedora do fenômeno. Em suas palavras, a controvérsia, pode ser pensada, sobretudo, como estratégia metodológica que permite a observação de algumas situações de interações discursivas marcadas por relações de oposição e conflito. Algo que acaba por permitir ao analista, o acesso a algumas configurações de relações de poder, de posições institucionais ou mesmo de redes sociais que permaneceriam invisíveis de outra forma. Partindo de um determinado recorte narrativo e seguindo os movimentos discursivos e os recursos de argumentação mobilizados pelos agentes que passam a interagir no jogo, é possível acessar os códigos que seguem implícitos na interação, constituído no senso prático engendrado na trajetória desses atores, permitindo entender assim, não apenas os caminhos da disputa, mas também quais elementos a envolve.

Para esquadrihar os caminhos discursivos da controvérsia em questão, foi necessário acompanhar a formação de alguns modelos educacionais voltados para as mulheres e para a formação de casais, nesses contextos, as categorias frequentemente mobilizadas são razão; calculo; amor inteligente; casamento; mobilizando uma grande rede de ações e de participação de fiéis espalhados pelo Brasil, que pelas redes sociais passaram a ser acionadas por fiéis de outros países. Assim, descrever algumas situações utilizando a noção bourdieusiana de razão pedagógica, bem como seu conceito de *habitus*.

Segundo essa chave analítica, a divisão sexual operada a partir dos cursos de formação de mulheres, bem como a diferenciação dos espaços de atuação para cada um

dos gêneros apreendido em palestras, livros e programas televisivos se desdobra numa diferenciação de disciplinas para o mundo da vida, configurando o que Bourdieu denomina de *razão pedagógica*, ou o domínio prático das regras de polidez. Segundo ele "*O artifício da razão pedagógica reside precisamente no fato de extorquir o essencial sob aparência de exigir o insignificante, como o respeito às formas e as formas de respeito que constituem a manifestação mais visível e ao mesmo tempo mais 'natural' da submissão à ordem estabelecida*" (2009: 114).

Questões como a generalização cada vez maior dessa pedagogia, a produção constante de novas técnicas de ensino, exercícios de aprendizado e sua intersecção com algumas políticas governamentais suscitaram indagações acerca das relações e da produção de poder e do ajustamento dos projetos segundo as especificidades de cada país ou região para qual foi exportado, das tecnologias para se produzir governo, alianças locais e gerenciamento de população, bem como a formação de sujeitos reflexivos.

Pretendo assim, descrever a gramática dos programas de transnacionalização da Igreja Universal, mapeando suas ações e suas intersecções com os Estados locais, tendo como ponto de partida a internacionalização dos programas *The Love School* e *Godllywood*, e como foco etnográfico a equipe gestora do programa, sediada no Brasil, na cidade de São Paulo.

A intenção é tentar formular meu programa de pesquisa a partir de um exercício de aproximação entre dois importantes seguimentos teóricos que orientarão as hipóteses que serão apresentadas no item 3 deste texto. O primeiro deles diz respeito aos dispositivos de poder, ou aos meios pelos quais se produz governo, numa lógica mais quantitativa, de gerenciamento de população, para isso meu ponto de partida será o conceito foucaultiano de governamentalidade. O segundo diz respeito à uma lógica mais qualitativa, que visa apreender na esfera da experiência dos sujeitos, a ideia de autonomia e de direito em relação a suas escolhas individuais, sugerindo a formação de uma reflexividade sem sujeito objetivo de fato, para tanto pretendo refletir a luz de um diálogo com a sociologia reflexiva.

5.1 Do poder pastoral à biopolítica

O tema do poder na modernidade suscitou desde sempre questões que permitiram o emergir de um vasto arcabouço teórico, que buscou além de entender os meandros de sua legitimidade, constituir um percurso que permitisse o conhecimento de sua genealogia, tentando fundamentar uma espécie de teoria do poder.

Apesar de importante contribuição por parte da filosofia política, que entre os séculos XVII, XVIII e XIX reuniu muitos de seus filósofos empenhados na descrição do poder, produzindo grandes compêndios sobre Estado, ética, cidadania, ciência e religião, foi certamente no século XX que esse tema se distanciou de uma dimensão mais prescritiva (em que os textos permaneciam preocupados em contribuir para o gerenciamento do poder) desenvolvendo uma dimensão mais analítica do poder.

A obra de Michel Foucault pode ser considerada fundamental para essa mudança no eixo de análise sobre o poder. O poder como questão analítica sempre esteve presente na obra de Foucault, porém, foi a partir da década de 1970 tornou-se um tema fundamental de pesquisa e um importante nexos metodológico.

Um dos primeiros deslocamentos propostos pela análise foucaultiana sobre o poder em relação às demais análises genealógicas¹¹ do poder, diz respeito ao sentido que atribui ao poder. Para Foucault o poder não é uma realidade, portanto, não possui uma ontologia, trata-se, sobretudo, de uma prática social que se constitui historicamente (FOUCAULT, 1995).

Outro deslocamento importante, consiste em pensar o poder para além de sua relação com a teoria política que terá no Estado o monopólio do poder, sua análise quer privilegiar dispositivos que agenciam micro-poderes que atravessam toda a estrutura social se articulando ao Estado (MACHADO, 1979). O recorte empírico encontrado por Foucault para fazer tais deslocamentos analíticos foi um estudo arqueológico do nascimento das instituições carcerárias e a formação de dispositivos de sexualidade.

Em *Vigiar e Punir* (1975) Foucault descreve o surgimento, a partir do século XVII, de técnicas de poder, que tinham como centro de ação o corpo humano. O livro

¹¹ Vale ressaltar que o noção de genealogia cunhada por Foucault tem herança nietzscheana que propõe uma genealogia da moral que distancia sua genealogia de uma ideia de natureza, ao contrário, a moral passa a ser fomentada, desde os gregos, perpassando instituições sociais como religião, família e política.

começa descrevendo o modelo do suplício que se concentrava no corpo, ou seja, as punições tinham que deixar chagas e estigmas de modo a revelar publicamente o castigo e a sujeição a um poder soberano. Tal processo resultava numa série de ações ritualísticas que configuravam uma espécie de suplício penal. Em tais rituais, "o corpo supliciado se insere em primeiro lugar no cerimonial judiciário que deve trazer à luz a verdade do crime." (p.32). Nesse contexto, o corpo se torna intermediário para a uma punição de ordem metafísica que visava a punição das liberdades e dos direitos, de modo que, agir sobre o corpo performatiza uma ação que o transcende, o corpo é objeto do poder por ser o nexa entre o povo e o soberano (ibidem, p:30).

Em sua análise do poder como uma rede de micro-poderes, e do corpo como objeto central de ação do poder de controle sobre o crime, Foucault cita a disciplina sobre o corpo como um importante dispositivo de poder. A disciplina é uma técnica, um mecanismo, um método que permite "o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade" (ibidem, p. 129). A disciplina funciona assim, como um mecanismo de adestramento, transforma o corpo numa máquina de controle de um poder específico, fundamentando por meio do corpo uma "anatomia política", que desenvolve uma mecânica específica de domínio sobre o corpo, produzindo corpos dóceis (ibidem, p.119 e FOUCAULT, 1999,p. 290).

Em defesa da sociedade (1999) traz uma série de aulas de um curso ministrado por Foucault no *Collège de France* entre 1975 e 1976. Tais aulas trazem a tona o esforço analítico do autor em trabalhar com o conceito de biopolítica, conceito que nasce de sua análise do que chama de biopoder¹². Biopolítica seria, portanto:

“a maneira pela qual se tentou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas propostos à prática governamental pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, raças”

(FOUCAULT, 1997:89)

Segundo ele, foi a partir do século XVIII, que o Ocidente passou por uma importante transição dos seus mecanismos de poder. Foi nesse período que iniciou uma

¹² O conceito de biopolítica foi apresentada pela primeira vez por Foucault numa Conferência realizada na cidade do Rio de Janeiro, ainda na década de 70 (Ver Machado, 1979).

espécie de poder dedicado à garantia da vida, algo que no século seguinte deu origem ao que Foucault denomina de estatização do biológico. Até o século XVIII os mecanismos de poder eram caracterizados pelo poder de soberania, que se configurava no direito de fazer morrer ou de deixar viver, forma de poder tem na disciplina sobre o corpo seu grande campo de intervenção. Para Foucault, é no século XVIII que a vida e a noção de humanidade como espécie passam a fazer sentido e entram na ordem do saber e nos cálculos do poder (Foucault, 1999: 286).

Emerge, assim, um movimento de transição nas tecnologias de poder no Ocidente, que passa da anátomo-política do corpo à biopolítica, como cito a seguir:

O homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo. Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder.

(FOUCAULT, 1988:128)

As tecnologias criadas a partir do século XIX, - ciências tais como a estatística, a demografia, o controle da fecundidade, a reprodução, controles para a longevidade, a natalidade e a mortalidade - , agem, a partir de agora, sobre o corpo-população, não mais sobre o corpo-pessoa. Tais fenômenos introduzem na estrutura social instituições de assistência especializadas na higiene e na medicalização da população, a função da ciência passa a ser a de quantificar e tentar prever possíveis endemias, o todo para a ser esquadrihado com o intuito de se alargar o domínio do Estado.

Enquanto, na anatomo-política do corpo, o poder se caracterizava por deixar viver e fazer morrer, na biopolítica o poder se caracteriza pela produção de tecnologias e mecanismos que possam fazer viver e deixar morrer, passando da sociedade disciplinar para a sociedade de controle¹³. Nesse sentido, o poder que outrora tinha uma

¹³ Essa expressão não é necessariamente de Foucault, é utilizada por Deleuze, que acredita ser a sociedade de controle uma espécie de aprimoramento da biopolítica (ver Deleuze 1998: 219).

dimensão opressora e de morte, passa a se organizar no sentido de garantir e de proteger a vida (FOUCAULT, 1999:294)¹⁴.

Em *Segurança, Território e População* (2008), Foucault, ao pensar o poder como algo pulverizado que atravessa práticas sociais, passa a descrever algumas formas de poder que certamente informaram o modelo de gerenciamento de população que se tem na modernidade (por ele denominado de governamentalidade) em meio a esse exercício, um modelo de poder se destaque, trata-se do *poder pastoral*.

O modelo do pastorado cristão, tinha por objetivo central desenvolver alguns dispositivos que auxiliassem na condução dos indivíduos a salvação, a lei e a verdade, tais dispositivos baseavam-se numa espécie de noção de comunidade e de unidade, numa economia de conduta e de qualificação de méritos e deméritos. Tais ações corroboraram para a criação, no Ocidente, de tecnologias para o controle do outro e, conseqüentemente, para o controle de si, marcados pelo cuidado/controlado do outro e pelo exame de si (FOUCAULT, 2008:235).

Para Foucault, o poder pastoral cristão, prenuncia a seu modo o que ele chama de governamentalidade, marcado por esse gerenciamento de população iniciado na biopolítica. Segundo o autor, isso se dá de duas maneiras, primeiro por formular mecanismos tendo como princípios norteadores a salvação, a lei e a verdade (que acabam por ser os princípios norteadores do Estado moderno). Em segundo lugar, porque contribui para a constituição de sujeitos com postura reflexiva sobre si e com alta capacidade de sujeição para a obediência. Para Foucault, tais dimensões representam a gênese de constituição dos sujeitos modernos, bem como das formas modernas de poder.

Tomando como ponto de partida a proposta metodológica de Foucault, pretendo pensar o projeto de transnacionalização desse conjunto de atividades, acompanhando seus ajustamentos de acordo com as necessidades de gerenciamento de cada localidade ao qual o projeto se insere, tais projetos se conformam e se alteram na medida em que se tornam praticados pelos fiéis da igreja. Cabe ressaltar que poder nesse caso não é coação, mas, sobretudo implica ação sobre ação de outros, ou ação que age sobre o

¹⁴ Vale ressaltar que ao posicionar os modelos historicamente, Foucault não está sugerindo um sistema evolutivo, em que um modelo emerge depois do outro. Na verdade, na biopolítica ainda se pode ver inúmeras tecnologias de disciplina do corpo.

campo de possibilidade da ação do outro (poder produtivo e positivo) (Foucault, 1995, 2008). Em grande medida, neste sentido, interessa o poder intrínseco às formas de sujeição, produtor de determinados sujeitos. Contudo, interessa também a esta análise, compreender como determinadas trajetórias de sujeição produzem pessoas aptas a ocuparem posição de agentes, estes operando como novas ferramentas de sujeição num governo, operadores de um dispositivo. Em verdade, são posições ativas e passivas do mesmo processo (agente e sujeito).

5.2 A formação de sujeitos reflexivos

Dentre os autores que se dedicam ao tema da reflexividade, destaco apenas três, Anthony Giddens (1993, 1995), Christopher Scott Lasch (1989) e Ulrich Beck (1995) são considerados mais relevantes, isso porque esses autores dedicaram grande parte de sua produção teórica ao tema, o conceito de reflexividade emerge como central caracterizando uma nova fase da modernidade como reflexiva. A reflexividade representa assim uma possibilidade de reinvenção da modernidade se afastando dos paradigmas industriais. Grosso modo, a modernização reflexiva representaria uma espécie de resistência por parte dos sujeitos em relação ao processo da modernidade industrial, que passam a adotar uma posição de autoconfrontação, voltando sua atenção para a autonomia de escolhas e experiências individuais, configurando, segundo a lógica desses autores, um forte programa de individuação. Tal processo produziria sujeitos autônomos, menos presos às convenções coletivas, capazes e autores de suas próprias narrativas de vida (GIDDENS, 1991).

O conceito de modernidade reflexiva, elaborado por Giddens, Beck e Lasch no texto *Modernização Reflexiva* (1995) narra uma espécie de crise dos sujeitos frente às transformações do mundo atual, que passam a adotar como gramática de ação e de interação uma postura crítica e de autoconfrontação. O que nos parece novo para o caso brasileiro, é o modo como a autoconfrontação aparece e se expande no âmago do discurso religioso protestante no passado recente.

A concepção de Scott Lasch me parece interessante, pois, segundo sua análise, a reflexividade na modernidade não ficaria condicionada ao plano conceitual, ela se

tornaria cada vez mais uma gramática de ação dos sujeitos. Logo, a produção de sujeitos reflexivos não estaria atrelada às regras institucionais, ou às estruturas sociais, mas às categorias impensadas que foram inculcadas e seguem como estruturantes da dinâmica das relações sociais (*idem*). Lasch recorre ao O conceito de *habitus* de Bourdieu, para pensar a reflexividade em termos de categorias impensadas oriundas de orientações, de predisposições nascidas nas práticas e nas interações entre os sujeitos.

O conceito de *campo* cunhado por Bourdieu serviria de base para a análise do que Lash denominou de comunidades reflexivas. Para Scott Lash, a noção moderna de comunidade seria totalmente distinta das noções de outras épocas, isso porque nestas comunidades as interações e as relações sociais se dão, imprescindivelmente, pela produção de estruturas de informação, visibilidade e comunicação. Tais comunidades envolveriam, portanto, um exercício de reflexividade hermenêutica (*ibidem*).

6. Algumas considerações

Depois de discorrer sobre o objeto empírico e sobre meu desenho analítico, passo agora a descrever algumas das minhas hipóteses, questões e ferramentas que possam auxiliar na realização da pesquisa.

Ainda sob o foco de análise da produção de reflexividade, Giddens (1992) em *A transformação da intimidade*, sugere que a intimidade contemporânea está em processo de mutação em direção a um modelo de “negociação transacional de vínculos pessoais” que lhe daria uma maior autonomia de escolha. Tenho como hipótese que o programa da IURD de produção de disciplinas corporais para as mulheres e de controle da sexualidade feminina e masculina fundamentados no cuidado de si caminham exatamente nessa direção de produzir uma reflexividade relacionada ao matrimônio e a vida profissional, estando em plena consonância com um governo voltado para a produção da chamada classes C e sua ascensão aos meios de consumo. Nesse contexto, as pessoas estão continuamente expostas à necessidade de fazer escolhas: o que comer, o que vestir, como educar os filhos, etc. Se, como propõe Giddens, o eu, hoje em dia, “é

para todos um projeto reflexivo feito de terapias e manuais de autoajuda de todos os tipos, programas de televisão e artigos de revista” (1993:41), certamente os cursos de casamento e família propostos pela IURD expressam a expansão da reflexibilidade como padrão na vida cotidiana de camadas cada vez mais amplas da população brasileira.

A outra hipótese que tenho, diz respeito ao projeto de transnacionalização desses projetos, que nos remete ao tema da governamentalidade e a generalização de tecnologias para a produção de reflexividade, conformando um modelo de gestão de população voltado para a universalização de uma determinada conduta de vida, baseada num jogo de cálculo de possibilidades e consequências. O que remete a outra hipótese relacionada ao princípio motivador dos projetos e de sua transnacionalização, relacionada a uma estratégia de cálculo, algo que, anteriormente era voltada apenas para as pessoas de um determinado círculo, a saber, pastores, bispos e suas esposas e passou a se generalizar de modo a expandir seu gerenciamento de pessoas que buscam a perfeição. A expansão desse modelo de reflexividade esta diretamente ligada a manutenção do governo, ou, do cálculo.

Assim,

Bibliografia

BECK, U. (1997). A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. (orgs). Modernização reflexiva. São Paulo: Editora da Unesp, cap.1, 11-68p.

BOURDIEU, Pierre. (2004). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.

_____. (2006). “O camponês e seu corpo”. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 26, p. 83-92, jun

GIDDENS, Anthony (1997). A vida em uma sociedade Pós-Tradiconal. In: BECK, U.; GIDDENS, A. ; LASH, S. (orgs). Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora Unesp.

GIDDENS, Anthony(1991). As consequências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L. RABINOW, Paul. (org) Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 231-249. 1995.

_____. Segurança. Território, População. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. Soberania e Disciplina. In: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979

_____. História da Sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988

_____. Em Defesa da Sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2002b

HABERMAS, Jürgen. (1984). *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro

LASH, S. (1997). A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In: BECK, U.; GIDDENS, A. ; LASH, S. (orgs). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Unesp

LEMIEUX, Cyril. (2007) "À quoi sert l'analyse des controverses? Sociétés d'études soréliennes / Mil neuf cent". *Revue d'histoire intellectuelle*, n. 25, p. 191-212

MACHADO, Roberto. Por uma Genealogia do Poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979

_____. *Ciência e Saber: a Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1982